

A EXCELÊNCIA¹

Hermógenes Harada

1. O substantivo *a excelência* indica a qualidade de uma coisa ser *excelente*. O adjetivo *excelente* é nele mesmo *superlativo*, mesmo que se possa dizer: “excelente, mais excelente, excelentíssimo”. ‘*Excelente*’ e ‘*excelso*’ vêm do verbo latino *excello, excelsus, excellere*. *Excellere* se compõe de duas palavras: *ex* e *cellere*. *Ex-* é um sufixo que indica o movimento de ir-para-além; *Cellere* significa *erguer-se*, levantar-se: refere-se, pois, à ação, à dinâmica da superação. Conota, portanto, o estar aberto sempre de novo à melhoria. É, pois, a qualidade do movimento de ação, o vigor de buscar, cada vez mais, o melhor de si: é o gosto, a paixão da alegria expansiva de ser. É a jovialidade de ser. Nesse sentido, a excelência indica a vitalidade, a cordialidade de ser.

Toda a ação humana deve se perfazer. ‘Per-fazer-se’ quer dizer: assumir-se, fazer-se, edificar-se, em contínua retomada, potencializar-se para o próprio e o melhor de si mesmo. Essa ação de perfazer-se é o próprio do ser humano: seu apanágio, seu vigor, tarefa e trabalho da sua realização. É o que denominamos *virtude*, *virtus* em latim, que propriamente não tem muito a ver com a ‘correção’ piedosa e moralizante em referência a uma lei ou norma, mas sim erguer-se, tornar-se na *hombridade*, pois *virtus* significa a força da responsabilidade humana do varão (*vir*). Os gregos indicavam pelo termo *ethos* essa virtude humana. E *ethos* significa a força humana de habitar a Terra dos Homens. Excelência significa essa força cordial e vital de se perfazer como humano, fazendo da Terra o habitat da nossa humanidade.

2. Essa compreensão original da excelência pode ser esquecida e substituída por um valor menor, o de busca do primeiro lugar no ranking de competitividade de uma determinada efetividade e produtividade. Assim, o conceito de excelência se estreita e se bitola. O estreitamento,

¹ Escrito póstumo.

com o tempo, pode-se virar contra a própria efetividade e produtividade, de tal sorte que o empenho humano cujo característico é o vigor da jovialidade de ser, i. é, a excelência, se transforma numa angustiada e angustiante acribia de cálculo e medição de si, sempre se medindo com os outros numa corrida sem rumo, em busca do primeiro lugar.

3. A disciplina escolar denominada filosofia, tanto no modo de ser da aprendizagem como no do ensino e da pesquisa, concentra-se em despertar, conservar, retomar sempre de novo a compreensão da *excelência* acima explicitada como a vigência do trabalho de cordialização no ser.

4. Cada disciplina científica tem o seu ser, e conforme seu ser deve definir a sua excelência. Dito com outras palavras, cada ciência tem a sua definição, i. é, a sua autocompreensão, o seu objeto, seu método e é conforme o que ali está definido como a sua excelência.

5. Embora haja muitas definições de filosofia e correspondentemente seus diferentes modos de acionar a aprendizagem, o ensino e a pesquisa, na pré-compreensão básica de si mesma, a filosofia não busca a excelência a modo das outras ciências, chamadas *positivas*. Dito com outras palavras, o modo da sua cientificidade, e também a sua excelência é de modo todo próprio, diferente. Essa diferença pode ser caracterizada dizendo que *as ciências constroem, a filosofia desconstrói*. Explicando:

6. As ciências positivas partem de um fundamento já dado como posto (daí o nome de *ciência positiva*), com sua definição, conceitos fundamentais determinados e seus métodos correspondentes à sua colocação positiva. A partir dali, elas constroem, para cima, todo um sistema de conhecimentos certos, concatenados entre si numa rigorosa coerência lógica. Esse fundamento, já posto, é por assim dizer, um projeto que a ciência lança sobre a realidade, como hipótese de trabalho. Esse lance é sempre de novo examinado, em diversas e sempre renovadas experimentações. Assim, o lance primeiro é testado na sua validade e eficiência, de tal sorte que na medida em que se dá a averiguação positiva, vai se confirmando a validez de sua colocação posta inicialmente, passando-se da hipótese à teoria. Mas, na medida em que as experimentações não confirmam a validez da hipótese, volta-se à sua colocação primeira, para ampliar, aprofundar, recolocar ou purificar a hipótese, buscando para a colocação positiva de início uma fundamentação mais vasta, mais profunda e mais purificada de interferências indevidas de outras colocações ou de extrapolações.

Esse movimento de retorno das ciências positivas para o lance inicial do seu projeto como ao fundamento da sua positividade para re-fundação e aprofundamento da sua base se dá nas ciências positivas, quando o todo do seu sistema entra em crise. É no aprofundamento da sua colocação primeira que se dá propriamente o progresso de uma ciência.

7. Esse movimento de ir à sua base e ali cavar para baixo na direção do fundo de si, nas ciências positivas é somente feito ocasional e operativamente, e não é propriamente a sua tarefa. Pois esta é a tarefa da filosofia e o seu trabalho

No ensino acadêmico, a filosofia aparece também ao lado das outras disciplinas acadêmicas, sendo tratada como uma ciência positiva. Enquanto tal, ela aparece como mundividência, i. é, opinião, convicção ou crença de uma pessoa, de grupo de pessoas ou até mesmo da humanidade de toda uma época histórica acerca da vida e do mundo. Enquanto assim aparece no mundo acadêmico, é tomada como fenômeno cultural, fenômeno histórico ou mesmo como ciência de uma determinada época, mas *não como ciência no sentido preciso e mais específico da nossa compreensão hodierna do saber por excelência, do saber científico*. Nesse sentido, a filosofia não é considerada como ciência, mas como uma espécie de sabedoria da vida, um fenômeno sociocultural ou histórico, objeto da historiografia. É nesse sentido da mundividência que temos então, p. ex., filosofia cristã, filosofia marxista, filosofia positivista, filosofia naturalista, filosofia da vida etc.

Apesar de todas essas aparências viradas para a publicidade e a sociedade, *na sua essência, desde o seu início na Grécia, p. ex. em Platão e Aristóteles até hoje, nos mais avançados pensadores da filosofia analítica, a filosofia conserva no seu fundo a autoconsciência de que ela é uma busca do saber de rigor. Mas de rigor na precisão de escavar sempre mais e sempre de novo na direção do fundo de cada colocação preestabelecida, a começar primeiramente de e em si mesma. E isso como tarefa fundamental e única da sua dinâmica do saber*. Nesse fundo de si mesma, a filosofia é acribia e dinâmica da busca sempre renovada e cada vez mais rigorosa da crítica dos fundamentos e das pressuposições de todas e quaisquer mundividências, crenças, ideologias e dos dogmatismos que podem se aninhar, primeiramente em si mesma e depois também nas ciências positivas, mormente em relação ao seu fundamento inicial. É na limpidez e coerência dessa crítica que está a alegria e a cordialidade, a excelência da filosofia.

1 RESUMINDO

Finalizando, assinalemos uma parábola, atribuída a Descartes² que expõe de modo simples e com precisão tudo que dissemos acima sobre a questão da excelência na filosofia.

Uma pessoa recebe de um desconhecido uma carta cifrada, cujo código de decifração ela desconhece. Depois de várias tentativas, consegue descobrir uma regra, cuja aplicação lhe permite montar um código que lhe possibilita ler a carta, de tal modo que ela traz à luz uma mensagem com sentido plenamente compreensível e até incontestável na sua coerência. Descartes, porém, especula: Poderia acontecer que, por ser um homem de grande habilidade, o autor da carta a tenha redigido de tal modo que, sob outro código de decifração, a mesma carta contivesse outra mensagem, inteiramente diferente da anterior. Com isso, em nada é alterada a primeira leitura da carta. Que alguém seja capaz de descobrir outro código de decifração é admirável. Mas a pessoa que fez a primeira leitura pode, tranquilamente, deixar aberta essa questão da existência de outro código de decifração. A ela basta que, no seu modo de ler, a carta lhe dê sentido coerente de início até o fim. Mas a segunda leitura não lhe poderia dar um sentido melhor, mais próximo ao da intenção do autor? Sim, se o autor tivesse fixado como válido e melhor um dos códigos de decifração. Mas suponhamos que esse autor da carta é o próprio Criador, de quem se origina o universo e tudo o que ele contém, seja atual ou possível. Suponhamos que esse Criador cifrou a carta segundo um número interminável, infinito, de diferentes códigos. Segundo Descartes, essa parábola mostraria o relacionamento e a postura própria do pesquisador nas ciências naturais exatas para com o universo.

A inquietação contínua de dispor-se a ser tocado pela abertura de códigos cada vez mais abrangentes, profundos e originários e perder-se no abismo do não saber a não ser o ânimo cordial e intrépido da busca sem fim é a excelência da filosofia.

² DESCARTES, René (*De Quartis*, Renatus Cartesius, *Des Cartes*, M. du Perron), 31.3.1596 - 11.2.1650, pensador, cientista e filósofo francês, considerado o pai da filosofia moderna. A parábola se encontra de modo muito mais rico e sugestivo em: ROMBACH, Heinrich. *Strukturontologie. Eine Phänomenologie der Freiheit*, Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 1971. 368, p., p. 139.

2 FORMAÇÃO DO CONCEITO DA EXCELÊNCIA (A QUESTÃO DE IDENTIDADE E DIFERENÇA)

1. O termo *excelência* indica hoje medida e critério de avaliação qualitativa da eficiência de um trabalho produtivo, no nosso caso, no ensino, na aprendizagem e na pesquisa. A seguinte colocação refere-se à excelência no ensino, na aprendizagem e na pesquisa da disciplina acadêmica do curso superior, chamada filosofia. Há muitos aspectos a serem considerados sob o tema *excelência na filosofia*. Aqui, hoje, concentramo-nos apenas num ponto, sugerido pelo subtítulo da exposição “*A questão da identidade e diferença*”.

2. No tema *excelência*, trata-se de *excelência de qualidade*. O adjetivo qualificativo no seu grau normal é *bom*, no grau comparativo *melhor* e no superlativo *excelente*. Excelência é o superlativo, a qualificação suprema do bom. Quando se trata não de qualificação e sim de quantificação, a escalação “*bom, melhor e excelente*” não traz em si grande dificuldade, ao determinar a sua excelência, por operarmos numa única e igual categoria chamada “quantidade”. Aqui se fala de *mais e/ou menos*. Aqui, até podemos falar da escalação de uma única “qualidade” chamada quantidade.

3. Quando se trata, porém, de *qualidade*, e isso mesmo dentro de uma e mesma disciplina, a questão, i. é, a busca da determinação da sua *excelência* exige melhor critério, mais diferenciada, mais ponderada, não numa generalização simplista e niveladora, levando em conta o próprio qualitativo da disciplina em questão. E isso vale, a fortiori, das disciplinas de um centro universitário, onde convergem diferentes disciplinas, principalmente de cunho e estilo das ciências naturais de um lado e das ciências humanas do outro. Isto significa que cada disciplina, ao se colocar sob a exigência de efetivar o melhor de si na excelência, deve levar em conta como pertencente à realização da sua excelência a identidade e diferença do que constitui o próprio de si mesma como disciplina.

4. Dito com outras palavras, cada disciplina ou grupo de disciplinas, deve com cuidado e precisão formar o seu próprio conceito de excelência. Conceito aqui não é apenas idéia geral, imagem mental ajuntada do uso do saber comum e usual, mas sim uma compreensão bem trabalhada, testada, fundamentada no decorrer do surgimento, crescimento e consumação de uma ciência. Trata-se, pois, de uma compreensão conquistada, no árduo trabalho da gestação, e não apenas da gestão, de um saber que se efetiva cada vez como saber fundamentado num todo chamado ciência. Conceito de uma disciplina é, pois, o conhecimento optimal de uma disciplina acerca da sua identidade que a diferencia das outras.

5. A seguir, portanto, vamos nos concentrar unicamente em dizer na medida do possível, em que consiste a identidade, o próprio da filosofia, que constitui o seu diferencial de outras disciplinas, para que na busca da sua excelência, não se perca em metodologias e critérios de auto-avaliação incoerentes e alienados da lógica da sua cientificidade própria.

6. Para quem não estuda especificamente filosofia como disciplina de sua especialização, mas apenas a conhece assim de fora, ela é algo de que ele só ouve falar como um saber acadêmico, ao lado de outras ciências, ou mais como fenômeno cultural ou uma das mundividências, uma espécie de interpretação de um grupo de pessoas acerca da vida e do mundo. Assim, estranha quando começa a ouvir falar do seu específico próprio *enquanto ciência*, cujo modo de ser difere de outras ciências assim chamadas positivas. É que essa diferença não é aquela diferença que existe usualmente entre as ciências positivas, mas sim uma diferença que faz da Filosofia uma ciência de caráter e estilo diferente de todas as ciências positivas.

7. Essa diferença consiste na direção de sua fundamentação. As ciências positivas partem de um fundamento já dado como posto (daí o nome *ciência positiva*), com sua definição, conceitos fundamentais determinados, e seus métodos correspondentes à sua colocação positiva, e a partir dali constrói, digamos para cima, todo um sistema de conhecimentos certos, concatenados entre si numa rigorosa coerência lógica. Esse fundamento, já posto, é por assim dizer, um projeto que a ciência lança sobre a realidade, como hipótese de trabalho. Esse lance é sempre de novo examinado, em diversas e sempre renovadas experimentações. Assim o lance primeiro é testado na sua validade e eficiência, de tal sorte que na medida em que se dá a averiguação positiva, vai confirmando a validade da sua colocação posta inicialmente, passando-se da hipótese à teoria. Mas na medida em que as experimentações não confirmam a validade da hipótese, volta-se à sua colocação primeira, para ampliar, aprofundar, recolocar ou purificar a hipótese, buscando para a colocação positiva de início uma fundamentação mais vasta, mais profunda e mais purificada de interferências indevidas de outras colocações ou de extrapolações.

8. Esse movimento de retorno das ciências positivas para o lance inicial do seu projeto, como ao fundamento da sua positividade para re-fundação e aprofundamento da sua base, se dá nas ciências positivas, quando o todo do seu sistema entra em crise. É no aprofundamento da sua colocação primeira que se dá propriamente o progresso de uma ciência. Mas esse movimento de ir à sua base e ali cavar para baixo na direção do fundo de si, nas ciências positivas, é somente feito ocasional e operativamente,

e não é propriamente a sua tarefa. Esta consiste mais e essencialmente em, a partir do fundamento posto, construir para cima todo o edifício do seu saber organizado, na explicitação da implicância prejacente nesse fundamento. A determinação do seu fundamento e a sua definição e correspondentemente o método, as ciências tiram da experiência factual, usual da dimensão assim chamada pré-científica, que na linguagem usual denominamos de vida.

9. No ensino acadêmico da filosofia, ela também aparece ao lado das outras disciplinas acadêmicas, sendo tratada como uma ciência positiva. Enquanto tal, ela aparece como mundividência, i. é, opinião, convicção ou crença de uma pessoa, um grupo de pessoas ou até mesmo da humanidade de toda uma época histórica acerca da vida e do mundo. Enquanto assim aparece no mundo acadêmico, ou é tomada como fenômeno cultural, fenômeno histórico ou mesmo como ciência de uma determinada época, mas não como ciência no sentido preciso e mais específico da nossa compreensão hodierna do saber por excelência, do saber científico. Nesse sentido, a filosofia não é considerada como ciência, mas como uma espécie de sabedoria da vida, um fenômeno sociocultural ou histórico, objeto da historiografia. É nesse sentido da mundividência que temos então p. ex. filosofia cristã, filosofia marxista, filosofia positivista, filosofia naturalista, filosofia da vida etc. *Apesar de todas essas aparências ou aparecências, na sua essência, desde o seu início na Grécia, p. ex. em Platão e Aristóteles até hoje nos mais avançados pensadores da filosofia analítica, a filosofia conserva no seu fundo a autoconsciência de que ela é uma busca do saber de rigor. Mas de rigor na precisão de escavar sempre mais e sempre de novo na direção do fundo de cada colocação preestabelecida, a começar primeiramente de e em si mesma. E isso como tarefa fundamental e única da sua dinâmica do saber.* Esse momento do fundo da filosofia pode ser denominado de momento crítico da filosofia de toda e qualquer pressuposição preestabelecida. Crítico aqui possui a acepção do verbo grego donde se origina, a saber, *krinein*, que significa distinguir, separar, diferenciar, purificar. Acribia e dinâmica da busca sempre renovada e cada vez mais rigorosa da crítica dos fundamentos e das pressuposições de todas e quaisquer mundividências, crenças, ideologias e dos dogmatismos que podem se aninhar nas ciências positivas, principalmente em relação ao seu fundamento inicial, e principal e preferencialmente dentro da própria filosofia e de suas realizações no espaço e no tempo; portanto acribia e dinâmica dessa busca rigorosa são impositões elementares e básicas da excelência do ensino, aprendizagem e pesquisa da filosofia. Para isso, a filosofia entende por excelência de sua atuação num instituto do saber acadêmico de nível superior cuidar de:

a. Dar informações acerca da filosofia em suas diferentes manifestações, quer como mundividências, crenças e ideologias, quer como fatos historiográficos, fenômenos antropológico-culturais, de modo sucinto, sem se perder em informações disparatadas, entrecruzadas por diferentes interpretações gerais e mal analisadas, ou em detalhes de especialização sofisticada de um intelectualismo sem pulso e sem o senso do real, para que a partir de dados essenciais e bem precisos, se possa saber de que se trata e então à mão de tal informação precisa, trazer à luz as pressuposições do posicionamento de seu fundamento, e ali rastrear cada vez mais a fundo a condição da possibilidade de tal posicionamento e suas implicações. Faz o mesmo com todos os dados informativos com que porventura a filosofia entra em contato, sejam eles de que proveniência for, das ciências, das artes, da vida cotidiana, das experiências.

b. De exercitar-se a, na pressuposição de fundo, divisar que, ao cavar para o fundo da apreensão de si mesma, a filosofia traz à luz diferentes camadas de profundidade, extensão e originariedade do sentido do ser ali pulsante, que cada vez abre todo um mundo de realização da realidade.

c. Exercitar-se a dizer as estruturações que assim vem à fala em tais análises do fundo em conceitos formais bem elaborados e concatenados entre si.

d. Exercitar-se a mostrar fenomenalmente o que está sendo dito por esses conceitos formais estruturantes.

e. Embora não se formalizem rigidamente formas padronizadas de realização desses exercícios filosóficos, pode-se anotar que o modo bastante eficaz de se exercitar no ponto a), citado acima, é através das preleções expositivas bem elaboradas da parte do professor; e da parte dos estudantes através do exercício de ler, analisar, anotar as informações no seu conteúdo, e o resumir de modo claro, bem ordenado e preciso. O exercitar-se no b) e c) se pode fazer através de seminários, semanais ou quinzenais de no mínimo 2 hs., onde cada vez os estudantes fazem o protocolo escrito. Aqui pode-se exigir que os estudantes elaborem uma exposição a ser discutida no seminário.

f. O d) se exercita nos colóquios filosóficos, onde o professor e os estudantes fazem conversações acerca de um tema proposto, previamente já pensado antes por todos.